

purgatorial
fernando ribeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Í N D I C E

P U R G A T O R I A L	1 5
P R I M E I R O	
C O M O E S C A V A R U M A B I S M O	
C4 (cervical 4)	21
Porco em penas de abutre	22
(para ser cantado em ré de porco)	23
Exorcistas do podre	24
Cármides	25
Ouroboros	26
Como escavar um abismo	27
Zelote machine	29
Ultima thule	30
S/titulo	32
Suor mal resolvido	33
Acreditas no azar cósmico?	35
3 hipóteses para o AntiCristo	37
Sabóia	39

O ruído do sangue	40
Cinderela em negativo	42
Queres fazer terror comigo?	44
Horroris causa	45
Hell's kitchen/salon hermético	46
Aurora de 3 de Setembro de 2000, era vulgaris	48
Os originais são todos malditos	49
Vacui	51
A táctica do pedestal	53
Roadkill	55
Poema d'amoníaco	56
Como escavar um abismo	60

S E G U N D O

F E R I D A S E S S E N C I A I S

Coisas para fazer hoje:	63
Aftermath	66
Hoje acordámos em sítios diferentes	69
Flickering hospital light	70
Roleta russa	71
«Aonde vão os mortos uma vez que se extinguem?»	73
Frenologia	74
O que oferecer a uma pessoa que já tem tudo?	75
Cofre aberto	76
Duelo	80
Como me despertas	81
Grozny	82
As feridas essenciais	
I entrada	83
II saída	85
III circulação	88
A colheita	90
O toque da morte	91
Em cruz cilada	92
Feita palavra és uma arma	95

Pessoa versus Crowley	96
Traço de sono	99
Águas paradas apodrecem	100
O museu das minhas coisas	102
Coisa pouca	104
Mortos a uma só voz	105
Voltar	106
Comala	109
Noctícula	110
Rosa-dos-ventos	111
Raivaauricular	116
Vox	118
O jogo das cadeiras	119
A morte é de poucas palavras	121
“Estar a olhar para as coisas e não saber ler é como ver tudo em branco” (anónimo)	123
Deixar passar o dia	124
Desertor	125
Rastos e restos	127
O abismo em cada passo	128
Sobrevivência segundo termos próprios	129
Surrender slow	132
Lavo a minha alma sujando-a na tua	133
Sigilo	134
O último momento do sempre	135
=	136
Coisas que doam	137
Tu és todas aquelas	142

TERCEIRO

DIÁLOGO DE VULTOS

Diálogo 1	145
Diálogo 2	146
Diálogo 3	147
Diálogo 4	148

Diálogo 5	149
Diálogo 6	150
Diálogo de vultos	151
L I V R O I	
Vésper	154
Crueldade despercebida	155
Pessoas que não se olham sentadas ao lado umas das outras	156
Até que algo aconteça (Londres)	157
Entre nós crescem luas (Ingrina)	158
Orfandade	159
Maré suja	160
Nutshell	161
Inteligência emocional	162
Felinidade	163
A monte	164
Sonho	165
Na noite do meu sono é de dia	166
L I V R O I I	
Expectativa	170
War ensemble	171
Origem	173
Lança-chamas	174
Sombra de carne	175
Exit wounds	176
O jardim da Noémia	177
Ambulante	178
Um poema que irás odiar	179
Fim do fim do dia	180
Hospital	181
Lapso	182
Homem rico, homem pobre	183
Gabinete 25	184
L I V R O I I I	
Diálogo 7	186
Diálogo 8	187

Diálogo 9	188
Diálogo 10	189
Diálogo 11	190
Primogenitura	191
A vida portátil	192
Vista sobre nós	193
Ending credits	194
Epitáfio decreto (registro de esquecimento)	195

P U R G A T O R I A L

Mala	198
Flor que cresce na cicatriz do granito	199
Célula	201
Bomba de pregos	203

A black and white artistic photograph. At the top, a liquid is dripping from an unseen source. The liquid forms a long, thin, vertical stream that tapers as it falls. Several small, bright droplets are scattered around the main stream, some appearing to be in motion. Below the main stream, a single, larger drop is suspended in the air, just above the text. The background is solid black, making the white liquid and text stand out sharply.

P U R G A T O R I A L

Assiste ao corpo o direito de renunciar ao mundo.
Assiste aos olhos o direito de reclamar legítima defesa contra as cores.
Assiste à ressaca o direito de acordarmos envoltos nos cabelos de uma estranha que talvez já tenhamos encontrado vezes demais.

A ofensa é não haver o corpo a corpo.
A injúria é saber que já vimos todas as cores.
Não me ensinaste nada — vida.
Nada aprendi contigo — desprezo.

Aceito as condições da guerra.
Aceito as quatro paredes.
Como quem aceita o ar que respira.

Aceito o protocolo da batalha
que me entregas numa caixa feita de osso.
Como quem aceita a luz que ilumina a sombra.

Ergo a cabeça sim
mas apenas para sentir
a lâmina fria que me beija a nuca.

à superfície da lava.

Somos como pássaros alinhados
no fio eléctrico que cega,
abraçados sem a intervenção do corpo,
observando famílias,
inalando
os vapores domésticos
que embaciam os vidros das janelas,
das casas que espreitamos
na cobiça da rotina.



PRIMEIRO

COMO ESCAVAR UM ABISMO

“Desde a primeira luz
Estiveste a meu lado
Como símbolo perfeito
De perigo e rebeldia.
Hierática no teu abismo
Com a suave atracção
De tudo o que é ignorado
Foste o maior desafio.”

JUSTO JORGE PADRÓN

C4 (CERVICAL QUATRO)

Corrompe os contornos do possível
Este vermelho quadraplégico,
Da cor da imobilidade,
das pequenas curiosidades.

Da cadeira de controlo do meu quarto
Vejo as tuas entranhas espalhadas
Pelas cinco partes do Ecrã e leio-me nelas.

Da cadeira de controlo do meu quarto
Vejo as tuas entranhas espalhadas, em cruz,
Pelas cinco partes do Ecrã e lavo-me nelas.

PORCO EM PENAS DE ABUTRE

Existem nos meus sonhos
Porcos gigantes, de gigantes asas,
Com pálpebras penetrantes,
De nádegas rasgadas.

Chafurdam em pérolas
Estes porcos cansados,
De cansadas auréolas.

Plantam montanhas
Em superfícies de excremento.
Fundem-se comigo para me vigiar
Num daqueles repentes do sofrimento,
Do momento jumento tormento

Assim, pensadores dentro de um sonho ímpio,
Em suína comunhão, ascendem, imparáveis,
como irmãos que não são.
Sobem num fogacho ao mais imundo dos céus,
Cumprimentam, semi-apodrecido,
Um tal de Deus, de fatídico feitio,
Que se despe e se mostra pronto a recebê-los

Os suínos súbditos estremecem...
(e) Ao vislumbrá-los
Eriçam-se-me todos os pêlos.
Consagram-me a mim o rasgado ânus,
Os poros que berram elásticos até ao infinito
Ao êxtase das carnes que secam.

(PARA SER CANTADO EM RÉ DE PORCO)

*Alinham timidamente em estridente espiral,
Desmoronam-se as grossas carnes
Desta orgia fatal.
Despencam-se como pétalas
À procura de um chão de raríssima pedra
Da qual emerge, soturna... agora!
Uma estranha simbiose
De abutre e porco,
De Suméria e de Oz,
De necrófago e louco.*

*E por entre os cinemas de saliências vaginais
Da mais uniforme rocha,
Dos absurdos pedaços são agora raras pérolas
De uma beleza mutante de tão anémica
Que enche de cor os abutres de porcas auréolas.*

EXORCISTAS DO PODRE

Somos exorcistas do Podre.
Gordos como os corvos de Katowice.

Quando mudamos o sentido do objecto
Passamos a chamar-lhe Arte.

Somos exorcistas do Podre.
Gordos como os corvos de Katowice.

Quando deslocamos o sentido da morte
Passamos a chamar-lhe vida

Absolutos como os ratos com asas de Katowice.

CÁRMIDES

Filósofos sentados em colunas espartanas
Discutem, calados, temáticas tão estranhas.
De toga saliente que não cobre um membro ardente,
De sandálias pequenas
Sobre as patas amenas.

Falam de um belo jovem
Que os distraia dos mecanismos da Mente.

Como isso não acontece

(Cármides faltou às aulas na Faculdade de Letras)

Vomitam nas almofadas,
Permanecem olhando
Com máscaras de guerra
De olheiras enfadadas.

Ah! Mas há sempre quem surja

— de trela ao pescoço e manto apertado
oprimindo o osso —

A sugar o Amarelado
Há sempre quem se detenha
Sobre o sábio Vomitado

Há sempre carne fresca
No mercado do Mestrado.

O U R O B O R O S

Vamos sentar-nos
Numa esplanada com garras
Em Lisboa Esquecida.
Mastigar as nossas próprias línguas
Até vermos como somos belos
Por dentro das nossas curtas caudas.

Tenho as mãos ausentes
Feridas de cinzento.
Fumo sanguíneo corre-me nas lâminas
Interrompido em destroços de cavalos
Afogados em lama, de patas quebradas.

Incontáveis espaços
Sangues diferentes
Presos no pescoço
(muito) para além do seu percurso.

Cauda de urina açucarada,
Cauda de osso escapante
Enchendo-me de tudo
Quanto é interessante.

Vamos despir-nos numa faca
Em Lisboa Perdida.
Bêbados de tudo
Quanto é ruminante.